

AOS ESTUDANTES E AO POVO

Os estudantes estão nas ruas. Mais do que para festejar uma grande vitória, eles estão nas ruas para protestar contra inúmeros erros e gritantes injustiças. Eles estão nas ruas para reivindicar os seus direitos e denunciar os crimes que são perpetrados e que pretendem perpetrar contra a nação e contra o povo brasileiro. Eles estão nas ruas porque acham que a conjuntura brasileira exige deles uma participação mais efetiva. Eles estão nas ruas porque consideram que, calar agora, seria um crime. Eles sabem que sofrerão as incompreensões dos eternos acomodados; que se não atingidos, como já foram, pelas injúrias dos beneficiados com a atual situação; que serão vítimas, como já foram, de pressões e inqueritos, por parte das autoridades; que poderão, como já foram, ser espancados nas praças públicas e nas ruas, pela polícia; que, finalmente, poderão ter o seu sangue derramado, como o teve Edson Luiz, o estudante mártir de Guanabara. Não obstante tudo isso, os estudantes estão nas ruas e estarão / tantas vezes quanto necessário. Neste momento, eles estão nas ruas cumprindo mais uma etapa de luta pelo aproveitamento dos excedentes, que somente cessara com o ingresso de todos na Universidade.

Enganam-se aqueles que julgam que os estudantes de Natal se satisfarão com meias vitórias e que a luta pelo aproveitamento dos excedentes é uma luta isolada. Os estudantes têm consciência de que o problema do excedente é um simples reflexo das estruturas obsoletas do ensino brasileiro e que, e contra essas estruturas e contra os vergonhosos acordos MEC-USAID, que deveria ser a sua luta fundamental. Sabem inclusive os estudantes, que o progressivo corte de verbas, foi tática usada pelo governo, para fazer a mudança da estrutura universitária. Sabem, ainda, que a criação das fundações particulares, objetivo principal dos acordos MEC-USAID, tem por finalidade marginalizar a classe média baixa da Universidade, sufocar qualquer movimento político-reivindicatório da classe estudantil, colocar o ensino brasileiro a serviço dos grupos econômicos estrangeiros, impedir a formação de profissionais em ciências econômicas e humanas, aptos ao estudo da realidade nacional em escala global, restringir a formação de técnicos de nível superior, procurando substituí-lo pelo técnico operacional. De tudo isso sabem os estudantes e contra tudo isso eles lutarão.

O ensino no Brasil, jamais atendeu às necessidades do potencial brasileiro. As Faculdades sempre foram privilégios da classe média e da burguesia, estando o operariado e o camponato, totalmente à margem. A qualidade do ensino, sempre foi fraca, os professores mal pagos e os laboratórios mal aparelhados. A reforma universitária sempre foi, por isso, uma bandeira de luta dos universitários brasileiros. É este o momento da reforma; não só universitária, como de todo o ensino. Não a reforma pleiteada pelas representantes dos monopólios, mas a reforma exigida pelo estudante brasileiro e que venha a atender as necessidades da nação. Reforma que dê a todo brasileiro, condições para chegar a Universidade, que possibilite ao estudante um aprendizado qualitativamente bom, que dispense aos professores um salário condigno, que permita ao estudante ter uma visão mais global da realidade nacional e que conceda a classe estudantil, a liberdade de organizar-se e manifestar-se. O momento é este e os estudantes natalenses já deram o primeiro passo nesse sentido. A luta pela distribuição das carteiras de estudante, as manifestações de protesto contra o assassinato de Edson Luiz, a luta que se desenvolve pelo aproveitamento dos excedentes, uniu os estudantes de Natal em torno do D.C.E., e as lutas que vão se encetar por melhores condições de funcionamento nas Faculdades particulares.